

SANT'ANNA DIONÍSIO

A
MEDITAÇÃO
FILOSÓFICA
NO
NOVO MUNDO

SEARA NOVA

1955

S.A.
~~2695.7~~ ²/₁

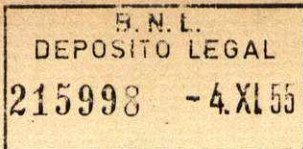
SANT'ANNA DIONÍSIO

A
MEDITAÇÃO
FILOSÓFICA
NO
NOVO MUNDO



SEARA NOVA

1955



OBRAS DO AUTOR

- Cepticismos*. 1929 — Renascença Portuguesa (esg.).
- Pensamento Invertebrado*. 1931 — Idem (esg.).
- Apontamentos*, cultura e política. 1931 — Idem.
- Antero*; algumas notas sobre o seu drama e a sua cultura. 1934
Seara Nova (esg.).
- Leonardo Coimbra*. 1936 — Ed. do Autor.
- Objeções* a António Sérgio sobre o valor da obra filosófica de
Leonardo Coimbra. 1938 — Ed. do Autor.
- Tangentes*. 1938 — Seara Nova.
- A não-cooperação da inteligência ibérica na criação da Ciência*.
1942 — Seara Nova (fora do mercado).
- O Testamento filosófico de Antero do Quental* (prefácio e anto-
logia). 1945 — Seara Nova.
- Atlânticas*. 1945 — Ed. do Autor.
- A hipótese do Eterno Retorno*. 1946 — Seara Nova.
- O pensamento de Raul Proença*. 1949 — Idem.
- A sinceridade política de Antero*. 1949 — Ed. do Autor.
- A Filosofia como objectivo da Pedagogia*. 1952 — Seara Nova.
- O Poeta essa Ave Metafísica*. 1953 — Seara Nova.



O pensamento filosófico (para não dizer, com mais precisão: todo o pensamento puro e simples) é obra de intimidade; é trabalho que requer luz branda e atmosfera tranquila. Não foi por mero acaso que ele nasceu num sossegado recanto mediterrânico, nas reenclavadas povoadas de olivais do Mar Egeu. Daí ele se transplantou, é certo, para climas muito diversos: para as margens brumosas do Tamisa e do Sena, para o litoral do Báltico e do Mar do Norte, para o interior da velha Alemanha, — a inacessível e antiga Germânia (*...aut silvis aut paludibus horrida...*), de Tácito — e a adusta Ibéria. Mas por toda a parte, na multímuda Europa, onde o pensamento filosófico ganhou raízes, se fez sentir a acção digamos sedativa do próprio exercício da reflexão sobre o ambiente. Ninguém que possua um leve sentido da infiltração ontológica do passado no ar que se respira poderá hoje percorrer as irreconhecíveis colinas de Santa Genoveva sem evocar, sobre o borbo-rinho babélico que as recobre, o ascético recolhimento daqueles que ali viveram para a reflexão tranquila.

E quem diz as colinas de Santa Genoveva, poderá dizer, em ponto maior ou menor, Port-Royal, evocando a solidude dramática dos que aí se refugiaram, ou certos sítios da Flandres, onde Descartes procurou pensar com sossego, ou Salamanca, se relembrarmos as meditações de Unamuno, ou as cercanias do Porto, querendo ter presente os últimos dias estoicos do autor das «*Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do Século XIX*».

Todos os lugares onde se sabe que alguém meditou dão a impressão (evidentemente ilusória) de que aí se poderá pensar melhor que noutros sítios ainda virgens. Dir-se-ia que nesses sítios como que existe uma atmosfera de privilégio que propicia a reflexão profunda de todo aquele que nela se banhar. Seria, enfim, como que uma discreta acção de catálise, análoga à modificação íntima que se opera num peregrino, ao visitar uma terra tida por ele como sacra.

É evidente que se trata de uma ilusão; será, porém, difícil evitá-la. Donde provirá o preconceito enraizado em tantas pessoas, em nossos dias, de que «só na Alemanha se pensa» senão do suposto poder catalizante da atmosfera digamos *symphilosophica* de Berlim, de Tubingue, de Iena?

Mas, reconsiderando um instante, vê-se bem que o pensamento mais alto pode nascer onde o homem quiser. Toda a terra serve. E pode até dizer-se que quanto mais virgem, melhor. O que importa é a intensidade e a seriedade espiritual de quem nela viver. Se a terra é virgem e virgem a alma de quem a habita, mais

fácilmente a verdade nua e pura se encontrará ao lado de cada pessoa, — invisível, mas tão concreta como o ar da floresta ou da montanha que aí se respira.

Deixemos, pois, de lado o preconceito ingénuo de que só aqui ou além, no Velho Mundo, onde viveu tal ou tal filósofo, onde floresceu esta ou aquela filosofia, se poderá «aprender a filosofar». A pátria de Kant, antes de o ser, foi o país impensável de Wotan e a floresta *bórrida* de Tácito.

Em boa verdade, em toda a parte se pode reflectir com originalidade acerca dos enigmas da existência. Simplesmente, será necessário *criar aí* (onde aparecer tal anseio) uma espécie de alcalinidade que permita a quem medita sentir à roda de si uma espécie de envolvimento levitante. Sem essa relativa sublimação do *clima* não pode haver pensamento.

A virgindade de um povo ou de um continente, sendo uma grande força, precisa, no entanto, de ser espiritualizada; e uma das formas de espiritualização é a criação discreta do que se poderá chamar, à falta de melhor palavra, uma certa atmosfera propícia às actividades aparentemente lúdicas e inúteis, à frente das quais se situa, como o luxo dos luxos, a meditação pura.

Se a civilização helénica é tida como a civilização mais digna de admiração de todos os tempos, é porque nela se fez sentir o valor e a fecundidade dessa atmosfera de aparente ociosidade.

Há quantos séculos se luta por essa forma de gratuitidade?

Nietzsche, para a respirar, subiu diversas vezes às

alturas alpestres de Sils-Maria. Foi nessa atmosfera de solitude que o autor da *Gaya Scienza* atingiu a visão infável de muitos problemas humanos. Aboletado nas mais modestas hospedarias da montanha, e vivendo, com sabedoria, na maior pobreza, criou um dos maiores tesouros de reflexão do pensamento europeu.

Não se confunda, pois, o «envolvimento» de que acima falamos com o aconchêgo artificial do ar aquecido ou condicionado. A modificação *climática* que temos em mente é doutra natureza. Quem não entender, que passe adiante. Porque nem tudo se pode explicar. Certas sugestões importantes jamais poderão ser dadas plenamente. É nesses espaços brancos que se põe à prova a sagacidade e o espírito sério de colaboração de quem ouve ou de quem lê.

Tudo isto, vem a que propósito? Vem a propósito desta pergunta que desejaríamos formular e esclarecer sem quaisquer respeitos humanos:

— Como se explica que, a bem dizer, não haja ainda pensamento filosófico nas Américas?

A causa desta relativa e transitória carência não é seguramente intrínseca. Os dons inventivos do homem do Novo-Mundo estão patentes no ritmo do *nisus* científico e técnico que dinamiza o seu tipo de civilização. Por sua vez, a sua capacidade de simpatia humana e cósmica traduz-se de modo esporádico mas impressionante na Poesia de um Whitman, na efabulação de um Poë, na imaginação mordaz de um Machado de Assis, no pensamento jurídico, de um Rui Barbosa ou de um Wilson. Cairíamos, pois, num erro crasso de

visão se aceitássemos o diagnóstico que por vezes os próprios americanos aplicam a eles mesmos de que não nasceram fadados — dizem (1) — para a reflexão transcendente, visto que o idealismo político, a poesia, a sátira, o conto, o romance são formas, embora sibilinas ou elípticas, de ansiedade de compreensão metafísica da existência.

A razão da relativa carência de pensamento puro e simples no Novo-Mundo deverá procurar-se no limbo de determinantes transitórias que poderemos chamar «circunstâncias» ou «factores ambientes».

Uma dessas circunstâncias inibitórias é a grandeza desmedida dos cenários telúricos do próprio Continente. O deslumbramento e o orgulho de adolescente, tão peculiares do homem que aí nasce, provém em linha directa dessas imponentes grandezas. Por excesso de euforia, o Americano não se concentra; abre-se para a contemplação, ora ditirâmbica, ora tácita, do maravilhoso mundo físico que o envolve. A vizinhança de inson-

(1) Assim o pensava o chefe da escola positivista do Recife, o amargo Tobias Barreto, ao decretar um dia que «o Brasil não tem cabeça filosófica»; ou Tristão de Ataíde, ao confessar, com melancolia: «Nunca tivemos um movimento filosófico nosso, original»; ou o catedrático de filosofia, de uma das Universidades de S. Paulo, Prof. Cruz Costa, quando formalmente decreta, acerca do passado: «Não tivemos nem podíamos (sic) ter filósofos. Tivemos *filosofantes...*» (*A Filosofia no Brasil*), pág. 70). E mais recentemente, Luís Washington, ao escrever, na sua *Filosofia do Brasil* (p. 18): «na verdade, nada temos de nosso».

dáveis florestas, a frequência de tempestades verdadeiramente originárias (os tornados, as trovoadas, os tu-fões), a experiência vivida das grandes distâncias, determinam no seu espírito uma espécie de extrospectivação que o inibie para a reflexão metafísica. Seus olhos ingênuos prendem-se demais ao mundo sensível e ao cômputo do seu valor pragmático.

A título de confirmação, abrirei, se me for lícito, um evocativo parêntese:

Um dia, ainda na adolescência escolar, assisti na cidade do Porto a uma conferência de um intelectual brasileiro acerca do próprio Brasil. O salão nobre da Universidade regorgitava de estudantes. Leonardo Coimbra, director da Faculdade de Letras e professor de filosofia, então em pleno apogeu do seu ensino eloquente, presidia à conferência e apresentou em termos de inexcédível lhaneza o visitante. O conferente, muito novo ainda e arrebatado, tomou a palavra e imediatamente procurou dar uma ideia da grandeza do Brasil, proclamando, num extraordinário ímpeto verbal, a riqueza do seu solo, a vastidão das suas campinas e florestas, as potências selváticas dos seus rios e sertões, chamando enfim a nossa imaginação para a visão das indefinidas promessas de prosperidade que se ocultavam no misterioso seio do seu amado País. Parecia um poeta a recitar, por engano, um relatório de um geógrafo. Era comovente, mas fruste. Logo que terminou, Leonardo Coimbra, com a sua peculiar tranquilidade de tribuno e de filósofo, levantou-se para saudar o conferente e dizer o

que pensava da sua lição. A delicadeza da hospitalidade não poderia impedi-lo de rectificar a imagem que o visitante traçara da sua pátria. A verdade acima de tudo. A ingenuidade, manifesta, requeria um esclarecimento. E o filósofo fê-lo com exemplar precisão. Em seu entender, o que fazia a grandeza do Brasil não era a superfície desmedida do seu solo, nem a fundura das suas florestas, nem o crescimento ciclópico das suas cidades. A verdadeira imagem do Brasil via-a ele, filósofo, na humildade nostálgica dos seus poetas e na seriedade dos seus tribunos: na metafísica inspiração de um Catulo, no sentido trágico de um Euclides da Cunha, na dignidade eloquente de um Nabuco. Era, enfim, no mundo invisível das almas, nas secretas forças espirituais do Povo — «esse mar de indefinidas possibilidades criadoras, de cujas funduras, quando menos se espera, emergem grandes valores que são verdadeiros prodígios» — e jamais no inventário quantitativo das suas grandezas físicas que ele via a essência da alma do grande e amável país. Num arroubo, Leonardo concluiu enfim a sua rápida lição exclamando que desde longe e sempre amara o Brasil sem que tivesse, porém, os olhos do corpo presos à admiração do seu corpo, do seu solo ou sub-solo, das suas florestas ou rios, — mas pela crença que possuía na bondade e altura de pensamento daqueles que nesse solo viviam e viveriam, espiritualizando-o. E, como era seu hábito, numa veemente prosopopeia, assim terminou:

«Se a América nos deslumbra pelo seu esforço titânico, esse esforço necessita de alma para que a sua

vitória atinja a sua expressão harmoniosa. Quanto mais poderosa é uma civilização no ponto de vista técnico, maior necessidade ela tem de expressões discretas de vida espiritual. Onde mais se fizer ouvir o rugido estrí-dulo da máquina, mais precisa é a palavra branda do silêncio. Vós, almas meditadas e recolhidas de Belo Horizonte, de Guanabara, do velho planalto de Piratininga, hoje convertido em novo Jardim Suspenso de uma nova e mais promissora Babilónia, que viveis aí sabe-se lá onde e como, nos alvéolos de gigantescas urbes e cumpris o melhor que podeis o destino de espiritualizar essas prodigiosas florestas de usinas e arranha-céus — bem compreendeis decerto o sentido destas elípticas verdades».

Por estas palavras advertentes, o filósofo português queria, com o seu peculiar acerto, acentuar que o homem nascido no Novo-Mundo só poderá superar o deslumbramento dos inibitórios horizontes e ao mesmo tempo vencer o aturdimento do tecnicismo alucinante que o envolve pela aprendizagem do valor da solitude e da gratuidade.

Nem de outro modo se atinge o ambiente imprescindível à meditação de último grau.

Na verdade, como pensar no meio de vegetação espantosa da natureza tropical? O espanto pode ser (como decerto foi para o homem originário) o ponto de partida da reflexão interrogativa. Para um homem, porém, como é o Americano, genesíaco e positivo, meio edênico, meio epigónico, o pasmo pode exercer-se como um funesto filtro inibitório da verdadeira meditação.

Não esqueçamos que o próprio William James, no primeiro contacto com as maravilhas naturais do Brasil, se sentiu assaltado pela impossibilidade de reflectir, escrevendo, sob o peso do encantamento, estas simples palavras de colegial:

— «*No words of mine... can give any idea*».

Situem um homem, dotado embora de excepcional inteligência, num promontório de desconforme envergadura, defronte de um oceano revolto e digam-lhe — *Pensa!* — e comparemos a magreza do que ele poderá pensar com o que ele mesmo, a sós, com a ajuda da memória inventiva, será capaz de reflectir sobre aquele mesmo cenário e a mesma tempestade.

A presença das grandezas telúricas actua inegavelmente como um poderoso avatar. Quem nasce no meio de silenciosas montanhas tem sempre um ar de seriedade que o distingue do nativo de horizontes mesquinhos. Mas daí não se segue que o homem seja mais solicitado a pensar com maior intensidade quando se encontra concretamente rodeado de uma natureza impressionante em excesso. Basta reflectir um pouco sobre as primitivas civilizações dos Andes. Os velhos Incas tiveram decerto, na sua tranquilidade de serranos, uma segura intuição do viver filosófico. Por imposição do cenário grave que os rodeava, eram sábios e sérios. Sob a pacatez rústica e silenciosa da sua vida ardia uma indefinida *bantise* metafísica que harmoniosamente se traduzia no carácter sacro das normas de hospitalidade, na ingenuidade quase edénica do convívio, na intensa

e tácita admiração religiosa do firmamento. Esse povo originário possuía, enfim, uma *filosofia* (isto é, um estilo de vida) que seguramente teria interessado profundamente um Sócrates ou um Tales de Mileto. Simplesmente essa *filosofia* (como tantas terá havido à superfície da Terra, no decorrer dos séculos, simples atitude contemplativa e silenciosa) não nos foi transmitida. Por isso equivale a não ter existido.

Na verdade, não basta meditar. É preciso exprimir e transferir o que se medita. Sem esse esforço, o homem estaria ainda demasiadamente próximo das plantas.

Se a contemplação atónita do mundo fosse Filosofia, seria lícito dizer que esta nasceu, não na Grécia ou na Índia, mas no primeiro momento de espanto do primeiro homem, e teríamos nesse caso de reconhecer que milhares e milhares de anos antes dos *físicos* da Jónia houve milhares e milhares de filósofos.

Uma das almas nascidas no solo do Novo-Mundo que mais esforçadamente parece ter sabido fechar os olhos aos sortilégios da natureza tropical envolvente e aprendido, asceticamente, a voltar-se para o *mundo interior*, foi a alma meditada de Farias Brito. Afigurasse-nos ser o único que, no hemisfério austral, nas Américas, soube ao mesmo tempo repelir a tentação do pan-cientismo e a fobia positivista da metafísica — esses dois pecados do pensamento filosófico dos fins do século passado, que, sendo adventícios no mundo europeu, actuam como verdadeiros pecados originários

sobre o incipiente pensamento americano ⁽¹⁾. Tudo o que se fizer para valorizar o seu exemplo será pouco. Pois não é lícito esquecer que, na esfera da língua portuguesa, na América, nenhum escritor de ideias, do seu tempo, poderá ser apontado como um tão educativo precursor da verídica reflexão.

Não discutamos agora (nem isso grandemente importa) se o filósofo cearense atingiu essa sabedoria da solitude mercê de despeitos ou fracassos, — como quer ou sugere Gilberto Freire, com olhos excessivamente psicanalíticos. O incontestável é que a sua obra é uma das mais belas expressões de pensamento tranquilo nascido até hoje no meio do solo genesiaco e perturbante da América equatorial. Foi dentro desse clima ardente e pesado que o filósofo soube criar o clima *pascaliano* adequado ao mais elevado tipo de meditação. A marca da sua superioridade está aí. Querer agora explicar esse segredo de pneumatologia por meio de receitas de psicanálise é pelo menos inútil. Em vez de se invocarem improváveis ressentimentos, para se justificar o seu isolamento, será muito mais edificante demonstrar que o estilo ascético da existência do filósofo-poeta dos *Cantos Modernos* foi uma obra pura e simples de vontade.

(1) Relembre-se o espírito comteano da escola do Recife, e, no pensamento argentino, as teses ou «proposiciones» anti-metafísicas de Ingenieros, que tanto deram que falar há 30 anos no ambiente universitário de Buenos-Aires.

(2) *Apud* — «*Revista Brasileira de Filosofia*», n.º 7, pág. 374-75.

Ele mesmo, aliás, nos esclarece discretamente acerca das razões profundas da sua vocação introspectiva, quando diz que, para o homem, «a natureza exterior se torna muitas vezes, por assim dizer pequena, em face do mistério e da grandeza infinita da vida interior» (2). Será preciso ser mais claro?

Talvez a leitura vagarosa de Malebranche (e possivelmente de Antero) tenha concorrido para a aprendizagem ascética do meditativo cearense. Mas a causa mais profunda de uma superação dessa natureza nunca pode vir de fora. A opção do seu melhor possível estava essencialmente nele mesmo. Nem de outro modo se explica que aos trinta anos (idade decisiva) o obscuro professor de grego do liceu de Fortaleza se consagrasse de todo a uma obra a que deu o título impressionante: «*A Filosofia como actividade permanente do espírito humano*»; e na véspera da morte, tão prematura, nos deixasse, em perfeita linha consequente, essa tocante expressão de pensamento de solitude que se chama «*O mundo interior*», obra tão subtil e tranquila que dir-se-ia um novo solilóquio inédito de Maine de Biran.

Em páginas de incomparável beleza, o recolhido pensador cearense embrenha-se no invisível mundo do espírito e oferece-nos inestimáveis testemunhos da seriedade das suas longas horas de meditação. Descobre, a sós, que a realidade arquétipo é a realidade espiritual; vê que a matéria é uma *ideia*; reconhece que o materialismo, queira ou não, se reduz a uma contradição; identifica, enfim, toda a filosofia à filosofia primeira e esta à psicologia.

Enquanto na América do Norte, o autor do «*Último Puritano*», diria: «Não me interessa saber o que é a matéria. Deixo a definição aos físicos. Entre os íntimos, a ela me refiro como se se chamasse Smith ou Jones» —, o discreto pensador brasileiro sente que a matéria é um mero conceito e define-a, com impecável finura analítica, como «o *genus generalissimum* referente a toda a existência fenomenal». Por essa via, descobre de novo a velha intuição de que tudo se reduz a mónadas.

Não admira, pois, que no seu verbo tranquilo lateje sem cessar o sentimento do mistério.

Pelo estilo tão rico de serenidade, e no qual se descobrem íntimas afinidades com o tom de voz das derradeiras páginas discursivas de Antero de Quental, a obra de Farias Brito (pelo pouco que dela conhecemos) afigura-se-nos ser uma promissora ante-manhã da filosofia espiritualista de que o Novo-Mundo, *tanto ou ainda mais do que o Velho*, necessita.

Em conclusão, fixemos o que, de modo implícito ou explícito, pretendemos sugerir neste apressado escrito:

a) Sem uma relativa sublimação do *clima* não há pensamento puro.

b) Importa aprender, sempre e em toda a parte (mas sobretudo entre os povos juvenis), no seu conteúdo simbólico, a verdade do conselho de Pascal: «*Saber ficar em casa*».

c) Na virgindade de um país ou de um continente está a maior fonte da sua possibilidade de reflexão original.

d) As nações adolescentes têm de encarar, não como um *pecado*, antes como uma força de inocência e de força, a leveza do seu lastro histórico.

e) *Pecado* é o positivismo, é o polemismo precoce, é o culturalismo de importação, — rudes e frustes formas de tapar ou ignorar o Mistério.

f) No solo genesiaco do Brasil, o exemplo mais belo e edificante que se poderá apontar de uma alma reflexiva que soube e quis olhar para o mundo perene é o autor da «*Filosofia como actividade permanente do espírito humano*».

Março de 1954

(Comunicação enviada ao Congresso Internacional de Filosofia comemorativo do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo).



Separata dos n.ºs 1305-1306 da «Seara Nova»

Comp. e imp. na Gráfica Santelmo — Rua S. Bernardo, 84 — LISBOA

